

mas civilizados.

ALREM 03a0569-1949 (1ª cópia)

- 1- Rinaldo Moura
- 2- Meio de Semana
- 3- Correio do Povo
- 4- Crônica sobre o ano 2.000
- 5- Porto Alegre
- 6- 29 de dezembro de 1949
- 7- n.º 75
- 8- secção - Arte e literatura
- 9- Som
- 10- Améliooster
- 11- 9 de maio de 1994

MEIO DE SEGULO

FEITO

(Especial para o "CORREIO DO POVO")

O profeta espichou as pernas, afundou mais o corpo volumoso e satisfeito na poltrona do otimismo, e mamando a saborosa subjetividade do charuto prosseguiu nas suas considerações:

Subordinados à convenção histórica, vamos hoje partir ao meio o bolo do século, naturalmente a vida que não se preocupa com as ilusórias fixações dos homens, sem pouca coisa fará para dividir a sua

atividade entre estas duas partes diferenciadas pelo calendário. Foi assim no principio deste, que começou depois de 1914, por causa da primeira guerra. Talvez, daqui a cinquenta anos, o século vinte já esteja morto, e antes de seu termo aparentemente lógico, ou melhor, de seu termo legal, possivelmente os homens já tenham colhido a doçura ou o desespero de seus frutos. Talvez nós mesmos, homens de cinquenta anos neste instante, e que naturalmente não esperam ver o inicio oficial do ano dois mil, possamos pressentilo, não pelas datas que se fixaram e sobre as quais fluiu a torrente dos momentos, mas pela inacreditavel realidade dos acontecimentos. Da metade do século dezanove, que sempre me dá a impressão de ter sido uma atmosfera tranquila como uma rêsta de outono, o espirito dos homens repousando na certeza das suas desco-

certas e de seus poemas, da metade do reculo passado para cá, começou a inquietar-te a aceleração do tempo. Com esta a dúvida, e com a dúvida a audácia das inteligências. Foi por esse tempo que começaram a ser lançadas no espírito dos homens as sementes da técnica moderna. Daí para cá a velocidade das horas é maior. Andávamos ao trote das diligências; os primeiros automóveis se deslocavam tossindo no seus vagares de dispneia, o que permitia fixar cada folha das arvores da paisagem, e foi certas originais impressionáveis acharam que a velocidade era assustadora. Voamos hoje nas cabines dos aviões ultra-sônicos. Na existência do mundo, que era fragmentária e se tornou unanime os acontecimentos já não exigem intervalos entre si, e entram para a história molhados pela claridade de seus próprios relâmpagos. Os minutos que hoje estão nascendo em todas

as cidades da terra, verá o mundo novo sem espanto. Quando tiverem cinquenta anos, oficialmente estará entrando o ano dois mil, se até lá contarmos o tempo da mesma forma - se eles viverão uma vida diferente, e talvez ainda tenham bastante humor para sorrir recordando o mundo de seus avós. Naturalmente não será o urânio com a sua escotilha de noventa e dois elétrons e a sua raridade, que poderá fornecer energia para alimentar as cidades dos homens do futuro. Mas qualquer outra substância que amanhã forçada pela técnica ainda imprevisível, entregará às máquinas o segredo de seu núcleo. Nosso descendentes viverão num mundo de economia sem submissões à fatalidade do lucro. Só partindo dessa base, quanta diferenças, quanta transformações no espetáculo do homem! A organização social será tão diversa da

nossa, que ainda não podemos
imaginar a sua estrutura.
90 Sobre essas novas formas
de vida, a moral, as institui-
ções, a filosofia, tudo será di-
ferente. Tão diferente que os
nossos netos terão piedade de
nós, que vivemos no medo e no
obscurantismo, na luta e na
necessidade, na injustiça e
na miséria. A energia do
átomo caracterizará esta me-
tade do século que hoje comē-
ça. Os aspectos de sua origem
e a extensão de suas conse-
quências, não permitirão que
nenhuma empresa privada
se aposses de sua exploração.
Nos primeiros investimentos,
ainda indecisos, sucederão
outros, de financiamento mais
facil, à proporção que a técnica
atômica se aperfeiçoar, tal co-
mo sucedeu com a energia elé-
trica, espalhando-se pelo mun-
do.

Os homens de amanhã se-
rão estes mesmos animais mis-
teriosos e banalíssimos que ve-
mos em torno de nós, mas terão
conseguído escravizar a energia

do planeta, domá-la à sua vontade, e assim deixarão de explorar uns aos outros.

Reinaldo Moura

- 1- Reinaldo Moura
- 2- Meio de semana
- 3- Correio do Povo
- 4- Crônicas sobre o "Tempo e o Vento"
- 5- Porto Alegre
- 6- 5 de janeiro de 1950
- 7- n.º 81
- 8- seção - Arte e Literatura
- 9- bom
- 10- Amélia Ester
- 11- 10 de maio de 1994

FEITO

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "CORREIO DO POVO")

Reinaldo Moura

Tacitamente ficou estabelecido entre os escritores do Rio Grande o hábito de não comentar os livros dos amigos. Já por 1930, quando essa turma que aí está começou a trabalhar, ainda era possível a irresponsabilidade de um artigo de elogio, e até mesmo era de